

A TERAPIA COMUNITÁRIA NA FALA DOS SEUS ATORES: SOLIDÃO, PERDAS E DEPRESSÃO

Andrea Lucia Torres Amorim¹; Chang Chung Sing Waldman²; Jair Lourenço da Silva³; Luciane Vieira Mendes⁴;
Maria Tereza de Almeida Marciano⁵; Regina Maria Ignarra⁶; Roseli Di Mauro⁷

Este artigo discute o papel que, na opinião dos usuários, a Terapia Comunitária (TC) vem desempenhando no lidar com situações de solidão e perdas e reflete sobre as suas possibilidades como ação de Promoção de Saúde na rede de atenção básica, a partir de resultados parciais da pesquisa A Terapia Comunitária na Fala de Seus Atores, que integra o Projeto CAEPS/DANT/SMS-SP.

A TC é uma metodologia de trabalho em grupo, criada há 20 anos pelo psiquiatra e antropólogo Adalberto Barreto. Identificada com o novo pensar totalizador da Promoção de Saúde, baseia-se no pensamento sistêmico, na teoria da comunicação, na visão antropológica da cultura e na pedagogia de Paulo Freire. Inclui, na sua proposta, olhares multidisciplinares e transdisciplinares e estimula a convivência com a diversidade das manifestações de cultura popular como modo de enfrentamento de situações de sofrimento. Os encontros se iniciam com dinâmicas de integração e apresentação da TC e das suas regras. Os participantes que quiserem, podem expor suas dificuldades e o grupo escolhe uma das questões expostas para ser aprofundada. Em seguida, os demais são convidados a relatar histórias de superação referentes à questão apresentada e cada depoimento se transforma em alternativa de solução ou melhora, que a pessoa pode ou não acolher. O encontro se encerra com rituais de agregação e relatos de impressões sobre ele. Valoriza-se, a todo o momento, expressões da cultura do grupo, estimulando canções, ditos populares, brincadeiras, etc.

A pesquisa foi realizada na periferia da cidade de São Paulo, região noroeste, área de abrangência da Supervisão Técnica de Saúde Pirituba /Perus. É uma região de muitos contrastes e profundas desigualdades. Nela vive um grande contingente de população submetida a condições socioeconômicas precárias, como a carência de serviços essenciais e o alto grau de vulnerabilidade para o adoecer físico, psíquico e social. A rede pública de saúde vem realizando, desde 2002, encontros semanais de TC na região. Em 2006, quando se iniciou o projeto que deu origem a este artigo, esses encontros se realizavam em 15 equipamentos da rede pública de saúde ou em espaços da comunidade. Após seis anos de trabalho, terapeutas comunitários da região de Pirituba/Perus sentiram a necessidade de produzir e sistematizar conhecimento sobre sua experiência. O projeto de pesquisa teve como objetivo geral analisar a TC como ação de Promoção de Saúde.

A metodologia utilizada na pesquisa tem como fundamento a teoria das representações sociais, desenvolvida inicialmente por Moscovici. Para esse autor, as visões de mundo, o senso comum, os consensos e estereótipos, crenças e preconceitos que caracterizam a subjetividade manifestada pelos indivíduos, são marcados pelas diferentes formas de inserção dos grupos sociais na sociedade. Essa formulação é adequada para o objetivo de captar o ponto de vista dos participantes a respeito da sua vivência na TC – vivência estreitamente ligada à questão saúde/doença.

Para tomar as opiniões dos usuários na sua singularidade e espontaneidade foi escolhido o Discurso do Sujeito Coletivo (DSC) – estratégia metodológica que reúne numa só fala todas as respostas semelhantes, como se fosse o discurso de um único sujeito. Foi utilizado o *Qualiquantsoft*, programa eletrônico de-

1. Médica Saúde da Família: UBS Aldeia Jaraguá Kwarãý Djekupe.
2. Médica Saúde Pública: Coordenadoria Interlocação de VS / CRS Norte.
3. Médico Psiquiatra: Hospital Dr. José Soares Hungria.
4. Psicóloga: Hospital Dr. José Soares Hungria.
5. Educadora em Saúde: UBS Perus.
6. Assistente Social Dra. em Saúde Pública – Orientadora da pesquisa.
7. Psicóloga: UBS Jardim Ipanema.

envolvido pela Faculdade de Saúde Pública de São Paulo, que facilita o agrupamento de grande número de respostas em categorias.

O universo da pesquisa foi definido, em primeiro lugar, pela escolha dos seis grupos de TC que habitualmente contavam com maior número de participantes nas reuniões. Em cada grupo foram entrevistados, em média, quatro usuários assíduos, dois esporádicos e dois que vieram pela primeira vez, perfazendo um total de 72 entrevistados. A partir dos objetivos da pesquisa, foram elaboradas questões abertas para desencadear a expressão da subjetividade dos entrevistados sobre sua experiência com a TC.

As respostas foram agrupadas por semelhança, produzindo 50 DSCs. O DSC apresentado a seguir focaliza um dos temas destacados pelos usuários, entre todos os que são discutidos nos encontros. Denomina-se SOLIDÃO, PERDAS E DEPRESSÃO, e expressa as falas de parte dos entrevistados ao responder à questão:

Conversa-se muita coisa nestes grupos, não é? Na sua opinião, quais foram os assuntos mais importantes?

A resposta desse grupo de sujeitos foi:

Ah, na minha opinião o assunto que foi tratado no grupo foi solidão. Solidão, pra mim, é a pior coisa no mundo. Eu só vivia chorando. Hoje ... choro, mas não é tanto. Acho que depressão, depressão. As pessoas não querem nem sair de casa. É devido a um filho, é devido a um casamento, mas todos caem na depressão. Um porque perdeu o filho, outro porque o filho não aprende, e tudo, se for colocar tudo, tudo determina a depressão, a irritação, o nervosismo. Perda de parentes ... coisas que eu não tinha esperado da minha vida, eu achava que eu tava sozinha, né, que ninguém mais tinha aquele problema, e aí você acaba descobrindo que muita gente passa por isso, porque todo mundo é humano, quem não passou um dia vai passar... São sentimentos que a gente não consegue às vezes nem entender esse sentimento e também às vezes não consegue distinguir, né, e controlar. Eu acho que trabalha muito sentimento pra que a gente entenda na verdade o que estamos sentindo, que sentimento a gente está tendo no momento do desespero. A gente muitas vezes chega aqui com baixa-estima e a gente consegue levar muita coisa daqui. Foi o caso de uma moça que tomou chumbinho pra se matar, ela queria se matar, mas hoje ela está arrependida.

O discurso acima reflete as múltiplas dimensões da situação de exclusão social em que vivem os sujeitos da pesquisa, entre elas a perda da capacidade de definir e concretizar projetos, dificuldades de acesso à informação e ao isolamento do indivíduo. Caracteriza-se uma situação de vulnerabilidade social que dificulta a capacidade de lidar com crises previsíveis e não previsíveis do ciclo vital da família, elemento importante no enfrentamento da solidão e das perdas, como o luto por morte de filhos e de parentes. Os encontros de TC, ao propiciar a expressão e a reflexão em grupo sobre essas situações e os sentimentos que desencadeiam, podem assumir funções semelhantes às das redes de apoio sociofamiliar, oferecendo oportunidades para a exposição e partilha de questões até então vividas como tormento particular, individual. Numa sociedade em que “ser bem-sucedido” é um valor social muito importante, a angústia por perdas objetivas é assim acrescida da sensação angustiante de ser diferente, de ter um problema/defeito que ninguém tem.

O encontro com os *pares*, clima acolhedor da terapia comunitária, resulta, no discurso dos participantes aqui analisado, em algo mais do que alívio. Quando as pessoas vivem uma experiência de intimidade, na TC, pelo contato com seus sofrimentos, são estimuladas a refletir e redimensionar sua história pessoal e perspectivas futuras. Solidão, irritação, conflitos familiares, luto, sentimentos difíceis de entender, a imprevisibilidade da vida, desespero, são condições que aproximam as pessoas à medida que se reconhecem na fala das outras. É a oportunidade de pensar se existe remédio para a tristeza ou se a tristeza faz parte da vida, faltando apenas apoio para superá-la. Os encontros podem funcionar como espaços de expressão livre, de momentos de prazer e de construção de caminhos solidários para uma vida melhor, abordando diretamente as relações cotidianas e fortalecendo a autoestima, pela descoberta da possibilidade de ser ajudado e de ajudar o ou-

tro. Possibilitam, ainda, a reflexão sobre a exposição a riscos, o que pode acrescentar novos conhecimentos/instrumentos para vivenciar a situação de solidão. O Discurso da Solidão, Perdas e Depressão não se refere a situações de doença, mas de sofrimento e perda de perspectiva de vida, trabalhadas de modo que o grupo possa apontar soluções oriundas da sua bagagem, do seu potencial e experiência. Esse contexto favorece o **empoderamento** dos sujeitos, processo que pode repercutir no âmbito familiar.

Este DSC levanta a possibilidade de que os encontros de TC, para os sujeitos da pesquisa, têm funcionado como ação coerente com a compreensão ampliada de saúde assumida pela OMS, que extrapola o campo específico da assistência médico-curativa e que aponta para o princípio da **intersectorialidade**, na medida em que é o início de um processo de abertura para outros serviços da comunidade. Além disso, por se tratar de uma técnica simples de tecnologia leve, acolhe a população de forma aberta, podendo trabalhar com grupos grandes e repercutir na comunidade, atendendo assim ao princípio da **sustentabilidade** em Promoção de Saúde.

A amplitude dos efeitos benéficos da TC, em discussão neste artigo, merece ser objeto de maior reflexão por parte dos terapeutas comunitários, a fim de alcançar uma percepção mais clara da dimensão do trabalho que realizam. Da mesma forma, é importante que os gestores da rede de saúde tenham acesso a este estudo, que pode indicar novas alternativas para a atenção básica.

Concluindo: os resultados parciais aqui analisados apontam para o potencial da TC como importante ação de promoção de saúde, e para a adequação de seu fortalecimento na rede municipal de saúde, de modo a atender de maneira integralizada às necessidades da população.

Referências Bibliográficas

CZERESNIA, D. O conceito de saúde e a diferença entre prevenção e promoção. In: CZERESNIA, D. (Org). **Promoção da saúde, conceitos, reflexões, tendências**. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2003.

GRANDESSO, M.A. Terapia comunitária: uma prática pós-moderna crítica, considerações teórico-epistemológicas. In: GRANDESSO, M.; BARRETO, M.R. (Org.) **Terapia comunitária** :saúde, educação e políticas públicas. São Paulo: Casa do Psicólogo: ABRATECOM, 2007.

LEFÈVRE, F; LEFÈVRE, A. M. C. **O discurso do sujeito coletivo**: um novo enfoque em pesquisa qualitativa (Desdobramentos). Caxias do Sul: Educs, 2003.

MCGOLDICK, M.; CARTER, B. **As mudanças no ciclo de vida familiar**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

SÍCOLI, J. L.; NASCIMENTO, P. Conceitos, princípios e prática, Interface - Comunicação, Saúde, Educ. **Revista Promoção de saúde**, v. 7, n. 12, p. 91-112, 2003.
